

Carta do Duque de Bragança

Senhor.

Ontem parti de Villa Viçosa, e oje cheguei aqui, bem maltractado com este tempo tão aspero. E por iso fazia fundamento de me deixar descansar atee segunda feira. Achei aqui novas que elRei, meu senhor, se partia, segunda feira, pera os montes; e porque eu traguoo maa dispusyção pera o poder seguir, tervoshei em merce, se poder seer, loguo oje me fazerdes saber se he asy a partida de sua alteza. Porque, com toda minha maa dispusyção, me trabalherei de lhe hir beijar as mãos antes que se parta. E este vai pollas postas porque, se m'o mandardes loguo despachar, me torne amtes que durma, posto que ja jaço na cama. Noso Senhor vosa mui prezada pessoa guarde e acrecente. De Arrayollos, a xiiii dias de abril de 1531.

Ao que senhor mãdardes.

Ho duque.

(transcrição regularizada)

Senhor,

Ontem parti de Vila Viçosa e hoje cheguei aqui, bem maltratado por este tempo tão áspero, e com vontade de descansar até segunda feira. Mas achei aqui o recado de que o rei, meu senhor, parte na segunda feira para os montes. Como não me encontro em condições de o acompanhar, ficarei grato se ainda hoje me fizerdes saber se Sua Alteza de facto parte. Porque, apesar da minha má disposição, me esforçarei por lhe ir beijar as mãos antes que parta. E esta carta vai por portador para que, se me responderdes logo, ele regresse antes de eu dormir, pois já estou deitado na cama.

Nosso Senhor vossa muito prezada pessoa guarde e acrescente.

De Arraiolos, a 14 dias de abril de 1531.

Às vossas ordens,

O Duque.

Comentário

Esta carta foi enviada pelo duque de Bragança, D. Jaime, ao conde de Castanheira, D. António de Ataíde, ministro do rei D. João III, e é notável pela informalidade. O duque escreveu-a na cama e pede ao conde, que não devia estar longe, que lhe responda depressa, antes que adormeça. O duque está cansado por ter viajado da sua residência de Vila Viçosa para Arraiolos (um dia de viagem) e não se sente com forças para acompanhar o rei à caça. Apenas terá forças para se despedir do rei, se este efectivamente partir.

A carta é autógrafa e está publicada em Ford-Moffat (1933: 104-5). A maioria das formas são típicas da época, mas o duque, que tinha 52 anos, revela traços de certa antiguidade na sua língua. Todas as sibilantes são etimológicas, não se mostrando ainda a forte variação gráfica que caracterizará os tempos futuros, como mostram os textos seguintes. Apenas é de notar que o grafema <s> simples pode servir à representação da sibilante surda, mesmo em posição intervocálica: *vosa*, *pesoa*. O grupo -sc-, constituído por uma apical seguida de uma predorsal, sofreu assimilação do primeiro elemento consonântico ao segundo em *acrecente* (< *acrescente*); dito de outra maneira, devido à proximidade, a apical igualou-se à predorsal e fundiu-se com ela. Em posição inicial (SCIENTIA > *ciência*), as coisas ficaram assim. Mas em posição medial, o -s- havia de ser restaurado no quadro da relatinização ortográfica advogada pelos gramáticos quinhentistas; esta restauração pretendia-se meramente gráfica, convivendo as grafias cultas (*acrescente*, *digno*) com as pronúncias tradicionais correspondentes (*acrecente*, *dino*).

Tornava-se difícil, no entanto, evitar que os alfabetizados, levados por ignorância ou snobismo, se esforçassem por ler todas as letras, especialmente as que tinham sido objecto de restauro: foi assim que reapareceu a pronúncia moderna de *digno* e se tornou a ouvir um -s- antes do -c-. Só que este novo -s- já não era, em muitas bocas, apical como fora antes da assimilação, e sim predorsal como a sibilante seguinte. Pode ser que esteja aí, na voluntária diferenciação entre duas sibilantes contíguas e semelhantes, uma razão para a futura palatalização desse -s- implosivo.

Em *maltractado*, temos um -c- restituído por idênticos motivos etimologizantes.

Ainda a propósito destes cultismos gráficos. O seu regresso à esfera do oral não foi instantâneo: na primeira metade do séc. XVIII, ainda se encontra variação. Na 1.^a edição da *Fénix Renascida* (vol. II, 1717), encontramos *crecido* e *decera*, enquanto na 2.^a edição (1746) está *crecido* e *des-*

cera. Mas no vol. III da mesma colectânea poética é a 1.^a edição que tem *desça*, enquanto a 2.^a tem *deça*. Esta contradição tanto pode reflectir critérios variáveis por parte dos compositores tipográficos de edições distanciadas por trinta anos, como grafias oscilantes nas fontes manuscritas usadas nos dois volumes. Mais provavelmente, uma coisa e a outra. Note-se, no entanto, que nada garante que o -s- restaurado já fosse lido, pois os dados da *Fénix* mostram claramente que o -g- restaurado não era lido. No vol. III, 2.^a edição, aparecem estes versos

Juntou em digno corpo alma mais dina,

Como em fino metal pedra mais fina,

em que a rima final *dina: fina* responde à questão, ao mesmo tempo que a associação *digno: dina* não é prejudicada pelo -g-. A *Fénix* oferece ainda outras rimas análogas: *dino: palestino, benigno: Trino*.

Em *jaço*, 1.^a pessoa do presente indicativo de *jazer*, temos a forma medieval derivada regularmente de IACĒO, que já teria então sabor de arcaísmo, sendo substituída por *jazo*, em consonância analógica com o radical da restante flexão (*jazes, jaz, jazemos...*).

Em *maa, seer, atee*, não temos hiatos, que não se justificariam na terceira forma, mas geminação de vogais com fins de assinalar a sua tonicidade, procedimento que já conhecíamos desde o séc. XV. Finalmente, *dispusição* (< *disposiçāo*) chama a atenção para o ocasional aparecimento, desde muito cedo, de vogais pré-tónicas que sofrem elevação ($u < o$).